



Unidades da USP buscam opções ao trote violento

Ana Luiza Daltro
Letícia Sorg

Nádegas em fila. Ao contrário do que se espera do clima de entrada na universidade, os sentimentos variavam. Um senhor de 70 anos se lembra até hoje. Só em 2001 ele conseguiu falar sobre o constrangimento sentido anos atrás, como calouro de Medicina. Foi preciso esperar muito para que existisse o Disque-Trote (0800-121090).

O programa atende durante o primeiro mês de aula, das 9h às 21h. Desde 2000, quando foi criado, o número de ligações vem diminuindo. Em 2001, foram 576 chamadas; em 2002, 241. Nem por isso Carla Amaral, coordenadora do atendimento, acredita que ele deva ser extinto. "O serviço tem a função de apoiar aqueles que entram, ser um lugar para onde correr num ambiente ainda desconhecido", diz. Sônia Penin, pró-reitora de Graduação, concorda sobre a importância da recepção e o uso dessa palavra não é casual. Na opinião de Sônia, "trote" possui uma conotação violenta, e, por isso, foi evitado.

A Semana de Recepção foi estabelecida em 1998 por uma portaria do então reitor Jacques Marcovitch. O trote

foi proibido por outra portaria em 1999, depois da morte do calouro de Medicina Edison Hsueh. Para Paulo Hilário Saldiva, da Comissão de Integração da FMUSP, o trote morreu junto com o calouro e houve em toda a USP uma mudança radical de postura. As unidades começaram a estabelecer programações para substituir as práticas mais tradicionais.

Muitas delas organizam atividades para conhecer os trabalhos voluntários desenvolvidos, o curso e o espaço físico. Na FMUSP, por exemplo, os alunos vêm o atendimento que os veteranos prestam ao Jardim Julita. Na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), há um passeio a pé do qual participa Marcos Vinícius Folegatti, prefeito do campus de Piracicaba. O professor Thomas Fairchild, presidente da Comissão de Recepção ao Calouro do Instituto de Geociências (IGc), diz que neste ano os calouros terão uma atividade ligada ao papel social de sua futura profissão: uma visita a áreas de risco geológico na Baixada Santista. "Num lugar como a USP, que tem um papel social, é bom fazer a recepção caminhar para a solidariedade", afirma Penin.

Mesmo assim, práticas discutíveis ainda ocorrem. Há aproximadamente dois anos, a diretoria do IGc proibiu os alunos sujos pelo tradicional banho de lama de circular pelas dependências do Instituto. Isso causava problemas a outras unidades, que eram invadidas por eles. "Foi um exagero. Antigamente, podia haver um fundo político. Hoje, esse tipo de protesto se esvaziou. Há como dar vazão aos anseios políticos de formas saudáveis e corretas", diz Fairchild. Ele também afirma que, ao menos entre os alunos que participam da comissão, nem sequer se cogitou realizar o banho de lama este ano.

Folegatti também destaca a importância do papel dos estudantes na diminuição de atitudes ofensivas aos ingressantes. Mas a imposição pelos "veteranos" da Esalq do uso do chapéu por calouros é apontada pelo prefeito como um possível começo para atitudes mais violentas. Isso porque, às vezes, o calouro é obrigado a buscar seu chapéu em uma república à qual não gostaria de ir. Sobre a alegação de que os ingressantes aceitam algumas práticas, Folegatti ressalta que é importante questionar em que condições eles o fazem.